

## Brasil, panic country

Jorge Barcellos – Doutor em Educação/UFRGS



“Quando tenho medo invento uma imagem” dizia Goethe. Com o Coronavírus, não há necessidade, já que ela vem diretamente da tela da tv. Só no último domingo (15/3), o canal de assinatura Globo News passou 6 horas contínuas de reportagem e não nos damos conta que essa repetição contínua também se converte em parte da crise.

É que ficamos em “estado de sítio” como telespectadores, a visão dessas imagens aterradoras a exaustão em busca da difusão da informação conscientiza por um lado, mas por outro põe em escalada a psicose obsessiva do medo que afeta as populações. A cada crise os meios de comunicação assumem o duplo papel de difusores de informação e escritura do desastre ao nos impor sua maneira de identificar o terror pela imagem do terror. Qual é a medida certa?

Isso acontece porque a medida de confinamento determinada pelas autoridades pública possibilita o contato permanente com os veículos de comunicação. Analistas já recomendam para quem está em isolamento, a redução da carga horária destinada por cada cidadão em isolamento porque constataram que a observação massiva produz angústia e medo. Sugerem, ao contrário, escolher um horário do dia para atualizarem-se com as informações. É preciso estar informado, mas excesso de informação é prejudicial. Segundo o filósofo Byung Chul Han, em sua obra “A sociedade do cansaço” isso ocorre porque não é possível estar 24 horas atento, é preciso descanso.

Como no 11 de setembro, as notícias de artistas como Tom Hanks à Di Ferrero vieram a público para chamar a atenção sobre a epidemia, em tempo real acompanhamos a evolução narrada pelos meios de comunicação e este excesso nos adocece psicologicamente. O problema não é apenas administrar a doença, **é administrar o medo da doença** no meio da logística necessária a população em pandemia em uma sociedade marcada pela indústria cultural.

Outros analistas apontam que isso decorre porque a catástrofe não é a peste ou o vírus, é a cidade, a metrópole contemporânea. Ela possibilitou não apenas a difusão e hegemonia dos meios de comunicação como veículo dominante de acesso à informação como está na origem destes vírus: nosso modo de construção das cidades promove o desmatamento, a urbanização acelerada e industrialização que levam a destruição dos habitats de inúmeras espécies, aproximando espécies que não coexistiam, aumentando a probabilidade de passar para o homem micróbios, vírus e uma série de doenças.

Do ebola às doenças transmitidas por mosquitos e agora o Coronavírus, é sempre um habitat perdido que está na origem da epidemia, visto nos animais amontoados uns sobre os outros na indústria ao comércio aproximam espécies que não se cruzariam na natureza e provocando

a mutação de micróbios. Se há uma lição a aprender é que para evitar epidemias como a do Coronavírus é preciso proteger os habitats selvagens. Só nos livraremos das epidemias quanto nosso esforço de políticas de saúde for acompanhado de políticas ambientais para não perturbar a natureza e a vida animal.